



## CULTURA E EDUCAÇÃO POPULAR E FUNÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE: UM OLHAR SOBRE PESQUISADORES DOS CRPES À LUZ DAS IDEIAS DE RAYMOND WILLIAMS

Angela Rabello Maciel de Barros Tamberlini <sup>1</sup>

### RESUMO

Este texto resulta de investigação sobre os trabalhos de pesquisadores dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais de São Paulo e Recife, nos anos de 1950-1960, sob a direção de Anísio Teixeira no INEP e no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, período democrático marcado por iniciativas voltadas à modernização do país, difusão da cultura urbana e aposta na educação como fator de desenvolvimento nacional. Por meio de pesquisa documental e bibliográfica, procedemos à análise dos trabalhos desenvolvidos, sobretudo por Florestan Fernandes e Antônio Cândido, no CRPE de São Paulo e por Paulo Freire no CRPE de Recife, Centros ligados às universidades, com iniciativas voltadas à institucionalização da sociologia da educação e à visão social das questões educacionais. Buscamos verificar o conceito de cultura e educação popular e a contribuição da pesquisa e da universidade para a emancipação das classes populares, na acepção dos autores mencionados, à luz das ideias de Raymond Williams, em especial de seu conceito multidimensional de cultura e de sua concepção do papel social da universidade e da atuação extramuros dos professores universitários, na perspectiva da universidade democrática. Verificamos que há muitos pontos de aproximação entre as formulações de educadores brasileiros que atuaram nos Centros Regionais de Pesquisas e o referencial teórico presente na obra de Williams. Destacamos a percepção da relação existente entre rendimento escolar e condições socioeconômicas das crianças periféricas, entre dificuldades oriundas das diferenças entre a cultura urbana, que prevalecia nas escolas, com referências das classes de maior renda e a cultura rural, característica de amplas parcelas das crianças com defasagem no aprendizado e a defesa do trabalho acadêmico voltado para a democratização do acesso à educação pública de qualidade, em interação com movimentos sociais.

**Palavras-chave:** Cultura popular, Universidade democrática, Centros Regionais de Pesquisas Educacionais.

---

<sup>1</sup> Profa Associado IV da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, UFF, [angmlini@gmail.com](mailto:angmlini@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de pesquisa em andamento,<sup>2</sup> originada a partir de pesquisa anteriormente efetuada sobre as experiências de renovação educacional realizadas no contexto dos anos de 1950-1960, com foco nos trabalhos de pesquisadores dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais de São Paulo e de Recife, criados por iniciativa de Anísio Teixeira, quando assumiu a direção do INEP, entre 1952 e 1964, procedendo à criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, CBPE, no Rio de Janeiro, então capital da República e dos Centros Regionais, instalados em São Paulo, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre. O CBPE tinha o objetivo de coordenar estudos sociológicos, antropológicos, estatísticos e históricos sobre a realidade brasileira, visando tornar o INEP um indutor de políticas públicas e, não mais, um espaço para clientelismo. Com visão arrojada, os Centros introduziam concepção mais abrangente do problema educacional, compreendendo que as questões ligadas à educação não se restringiam ao interior da escola. Visando combater o que Anísio chamava de “seletividade perversa” em nosso sistema educacional, o educador pretendia adequar as escolas às necessidades dos alunos, promovendo por meio da pesquisa e da investigação uma outra concepção de educação a partir da interação dos Centros Regionais entre si, destes com as universidades dos locais onde se inseriam e com os movimentos sociais e populares.

Vivíamos um período democrático, caracterizado por iniciativas voltadas à modernização do país, ao avanço do processo de industrialização, à difusão da cultura urbana e educação concebida como fator de desenvolvimento nacional, na perspectiva de “reinventar o Brasil”. Neste contexto, os Centros destacavam a função social não só da escola, mas, sobretudo, da pesquisa e da universidade. Neste período fecundo do ponto de vista da produção acadêmica comprometida com a democratização do acesso à educação pública de qualidade e com a emancipação das classes populares, sob a aceção de Anísio que concebia a educação como “sendo um processo de cultivo ou de cultura, há de ser sempre algo em permanente mudança, em permanente construção, a exigir, por conseguinte, sempre novas descrições, análises novas e novos tratamentos” (TEIXEIRA, 1957, p.5, apud GONÇALVES; ZITKOSKI, 2019, p. 355), era forte a preocupação com o combate à desigualdade social. Assim se esboçava uma nova concepção de educação, de cultura popular e de educação de adultos, que buscava

---

<sup>2</sup> Este artigo é fruto de pesquisa de pós-doutorado, em andamento, realizada sob a supervisão da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Sylvania Vidigal Moraes, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, PPGE-FEUSP.



compreender a questão educacional à luz da teoria sociológica. A institucionalização da sociologia educacional se tornou possível a partir dos trabalhos realizados nos Centros, cuja tônica recaía sobre a visão social das questões educacionais. Os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais de São Paulo e de Recife eram muito próximos e neles se destacavam as atuações de Florestan Fernandes e Antônio Cândido, em São Paulo e de Paulo Freire, no Recife.

O CRPE de São Paulo foi criado a partir de um convênio entre o INEP e a Universidade de São Paulo, envolvendo os departamentos de Pedagogia, Sociologia e Antropologia da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Era forte o vínculo entre o Centro e a Faculdade de Filosofia e, em 1962, quando o departamento de Pedagogia, posteriormente tornado a Faculdade de Educação, teve as suas instalações transferidas para a Cidade Universitária, onde se situava o CRPE, na gestão do Professor Laerte Ramos de Carvalho, estreitou-se ainda mais a interação entre estas instituições.

Florestan Fernandes e Antônio Cândido, intelectuais marxistas, defendiam a educação laica, pública, gratuita e democrática que abrigasse e garantisse ensino de qualidade para as crianças das classes populares. Ambos participaram ativamente do projeto de criação do CRPE-SP, “ambicioso projeto de Anísio Teixeira, com a intenção explícita de colocar as Ciências Sociais a serviço da reconstrução educacional do país” (BEISIEGEL, 2013, p.595). Gouvêa (2018) revela que Paulo Freire, entre 1958 e 1963, participou do Centro Regional de Recife, em período em que Gilberto Freyre ocupava a direção, época em que o CRPE de Recife foi muito próximo do CRPE de São Paulo.

Os Centros se constituíram em celeiros de inovações ricas e férteis, voltadas à transformação social. Preocuparam-se com as questões regionais, as comunidades e o estudo de temas da realidade brasileira, concebendo a educação popular como passível de propiciar a participação social e a conscientização política, “concebiam cultura e educação como formas de impulsionar o desenvolvimento regional e a democratização de nossa sociedade. Estabeleceram diálogo entre o conhecimento da situação local e a questão educacional” (TAMBERLINI, 2021, p.10).

Os Centros formaram pesquisadores, fizeram seminários, projetos de alfabetização e educação popular, publicações e cursos, pesquisas empíricas, dentre várias outras iniciativas, em uma agenda programada por Anísio, aberta aos intelectuais progressistas. No contexto marcado por contradições, nos anos de 1960, no acelerado processo de industrialização e modernização vigentes em nosso país, educadores como Florestan Fernandes, Antônio Cândido e Paulo Freire, participando das iniciativas de Anísio Teixeira, visavam a inclusão social e a democratização de nossa sociedade, envolvendo a pesquisa e a universidade nesse processo,

alargando o olhar sobre as questões educacionais e comprometendo-se com a cultura popular e a educação de adultos e das crianças periféricas em prol de uma sociedade mais justa e mais igualitária. Não mais restringiam a educação popular ao propósito de “ensinar o povo a ler, escrever e contar”, em escolas elementares fragmentadas ou a uma inserção no mercado segundo os desígnios do capital.

Para além da proposta curricular e do entendimento de educação como preparadora de recursos humanos para a indústria e modernização da agropecuária, coexistia, também, a concepção de educação como formadora da consciência nacional e instrumentalizadora de profundas transformações político-sociais na sociedade brasileira, como possibilidade de emancipação humana. Decorrente das discussões estabelecidas pelos países socialistas, como possibilidade de romper com o predomínio elitista da cultura, as expressões cultura popular, educação popular e educação de base eram colocadas como bem cultural de acesso a todo povo e, no contexto brasileiro, careciam do reconhecimento de suas positivities (BRANDÃO, 2016, p.4)

Os Centros interagiam não só entre si, mas também com os movimentos sociais e populares, que estavam se expandindo e tinham estreito vínculo com a universidade, a exemplo do Movimento de Cultura Popular de Recife, o MCP, que interagiu com a Universidade de Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco, onde Paulo Freire, em fevereiro de 1962, havia assumido a direção do recém-criado Serviço de Extensão da Universidade (BEISIEGEL, In: FÁVERO, M.L.; BRITTO, J.;2002, p. 893). Tratava-se de investir em formação humana, em fazer com que a universidade e a pesquisa se envolvessem com projetos de educação e cultura voltados a atender as classes populares e o desenvolvimento regional.

A partir da década de 1940 a educação de adultos vinha se revestindo de importância em vários países e, em 1949, passara a ser alvo de atenção também na Inglaterra, após a realização da Primeira Conferência Internacional de Educação de Adultos, em Elsinore, na Dinamarca.

Salvaguardadas as distâncias e diferenças dos processos históricos, econômicos, sociais e políticos vivenciados no Brasil e na Inglaterra, cabe destacar a atuação e as formulações de Raymond Williams, intelectual que se dedicou à educação de adultos na Inglaterra, trabalhando como tutor, nos projetos de extensão universitária na Universidade de Oxford, entre 1946 e 1961. “Nestes quinze anos ele se ocupou do tema da educação democrática, mas também de outros assuntos, incluindo a discussão da cultura, ora como professor de adultos, ora como professor universitário” (PAIXÃO, 2017, p.10). Williams (2011) se valeu das estruturas educativas da universidade para efetuar seu projeto extensionista de educação de adultos: crítico da cultura de massas, elaborou seu conceito singular de cultura, concebida “como algo comum”, considerando que “a cultura e a educação são questões comuns, ordinárias”, recorrendo à



literatura, ao teatro e ao cinema, utilizando-os como ferramenta democrática voltada à aprendizagem dos trabalhadores. Concebeu a universidade e a atuação de docentes universitários como possibilitadoras do desenvolvimento e formação da classe trabalhadora, tendo como horizonte a construção de “uma sociedade mais democrática, educada e participativa”, como destaca Paixão.

Williams, leitor de Gramsci, rechaça a concepção economicista do marxismo althusseriano, pois não separa estrutura e superestrutura, concebendo-as como constituindo dimensões relacionais. Este autor, que introduziu os Estudos Culturais no marxismo não considera a cultura como mero reflexo da estrutura, ele se utiliza de categorias complexas, multidimensionais (MIGLIEVICH-RIBEIRO; SOARES, In: PAIXÃO; MAZA; SPIGOLON, 2021) contribuindo assim para novas leituras dos autores dos CRPES aqui elencados, na perspectiva da educação crítica e do ideal do intelectual socialista. Seus referenciais teóricos serão utilizados para embasar a nossa análise.

Objetivamos nesta pesquisa aprofundar a investigação sobre os trabalhos elaborados pelos pesquisadores do CRPE-SP e CRPE-Recife por nós estudados, contextualizando-os no momento histórico e social em que foram elaborados e suas implicações, bem como visamos mapear as concepções de educação e de universidade subjacentes às pesquisas efetuadas por estes autores. Pretendemos analisar as produções acadêmicas e ações dos intelectuais citados à luz das ideias de Raymond Williams, com as quais estes autores guardam proximidade, com o intuito de contribuir para a ampliação do conhecimento da obra de Williams no campo da educação, ainda pouco estudada e pontos de aproximação entre seu referencial teórico e formulações dos educadores brasileiros aqui mencionados.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de pesquisa documental e bibliográfica que compreende dar continuidade à seleção e análise dos documentos do CRPE-SP pertencentes ao Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e consulta ao acervo do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que preserva a documentação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, além do prosseguimento da leitura da bibliografia especializada sobre os CRPEs de São Paulo e de Recife, já iniciada, e prosseguimento da leitura da obra de Raymond Williams e seus comentadores. Procederemos à análise qualitativa da documentação coletada e buscaremos aprofundar a identificação dos pontos de aproximação entre os





referenciais teóricos da obra de Williams e as formulações dos intelectuais brasileiros que atuaram nos Centros mencionados.

Dentre as categorias teóricas formuladas por Williams, nos debruçaremos sobre seu conceito multidimensional de cultura, e de sua concepção do papel social da universidade e da atuação extramuros dos docentes universitários, na perspectiva da universidade democrática.

## **CULTURA E EDUCAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DOS ANOS DE 1950-1960**

Talvez isto não tenha sido dito com a ênfase merecida: uma parte essencial da energia considerada subversiva pelos setores conservadores e repressores da sociedade brasileira dos anos de 1950 e 1960, se desdobrou do esforço de muitos no sentido de pensar o país com base nos achados da investigação e da pesquisa – seja da pesquisa dos cientistas sociais dos CRPEs ou da pesquisa colaborativa e engajada dos educadores e artistas, voltadas para diminuir a distância e dialogar com os sujeitos em seus contextos vitais, em suas identidades culturais (Gonçalves; Zitkoski, 2019, p.361).

Os intelectuais aqui citados que atuaram nos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais de São Paulo e de Recife, além de Anísio Teixeira, artífice do projeto que criou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e os regionais, tiveram a sensibilidade de se preocupar com o país como um todo, com as suas diferenças regionais e culturais, visando o desenvolvimento nacional e a democratização da sociedade brasileira, conscientes da centralidade da educação para a consecução deste processo. Concebiam cultura e educação como propulsoras do desenvolvimento regional e da estruturação dos movimentos sociais e populares, sobretudo do Nordeste, irradiando as suas iniciativas para os municípios vizinhos.

Os processos educativos engendrados pelos Centros, em âmbito formal e informal, envolviam dinâmicas coletivas informadas pelas ciências humanas e sociais, como concebia Anísio Teixeira. Preocuparam-se com a relação existente entre a escola e as crianças periféricas e a complexidade que envolvia o processo de urbanização em curso, que atraía contingentes populacionais ainda majoritariamente vivendo no meio rural, para as cidades, em busca de melhores condições de vida. Os educadores dos Centros percebiam as diferenças culturais entre o campo e a cidade e como incidiam na educação, já que a escola era intrinsecamente ligada à produção da cultura urbana, segundo referências das classes mais abastadas. Antônio Cândido propôs uma abordagem sociológica da realidade escolar atenta à “complexidade da vida social interna em cada unidade” e, dentre os seus vários estudos, já havia investigado manifestações culturais de agrupamentos de caipiras paulistas, seus meios de vida, costumes, relações sociais e de trabalho, representações mentais, movimentos sociais e problemas de subsistência,

analisando a sua “cultura rústica” em face da civilização urbana.<sup>3</sup> Florestan Fernandes, ao estudar a configuração cultural da vida urbana, apontava os “nexos entre cultura, infância e cidade”.

Florestan foi um dos intelectuais que insistiu para que a infância e os estudos a respeito da infância se sobrepusessem aos estudos acerca das crianças e suas dificuldades escolares. Ou seja, de suas intervenções, CRPE-SP recebia constantes estímulos para que a análise do modo de viver predominasse sobre as análises de desempenho (FREITAS, 2014, p.689).

Cabe destacar que outros pesquisadores do CRPE-SP, tributários do consistente legado de Florestan Fernandes e de Antônio Cândido, como Luiz Pereira e Dante Moreira Leite, também deram preciosas contribuições à edificação da universidade democrática no período estudado, atentos às configurações culturais e modos de vida característicos das diversas agremiações escolares. Luiz Pereira nos alertava que o rendimento escolar depende da integração entre variáveis intraescolares e extraescolares, tratando-se, portanto, de um problema social e também cultural. Dante Moreira Leite reforçava o sentido econômico da reprovação, responsável pela exclusão social, também vinculada ao contexto cultural das crianças periféricas e questionava os fundamentos homogeneizantes da escola seriada, destacando o fato de que a partilha da cultura escolar esbarra nas limitações impostas pelas questões sociais. Os pesquisadores do CRPE-SP apontavam as contradições do processo de urbanização em curso, que ignorava as condições sociais, econômicas e culturais de amplos contingentes populacionais.

Atuando em Recife, a partir dos círculos de cultura, Paulo Freire criou um sistema, por meio de investigação dialógica, em que promovia o debate sobre situações desafiadoras do cotidiano dos trabalhadores, antes mesmo de se dedicar ao processo de alfabetização. Ao iniciar, alguns anos antes, o seu contato “com trabalhadores de baixa ou nenhuma escolaridade que frequentavam as escolas do Sesi, já começara a se dedicar, de forma sistemática, às teorias da educação de jovens e adultos”, substituindo aulas em formato de conferências, por debates (ARELARO, 2019, p.16). Temas como natureza e cultura e cultura e sociedade eram discutidos com os trabalhadores. Paulo Freire propunha uma relação mais horizontal entre professor e aluno, não havia cartilhas e livros, que foram substituídos pela linguagem característica da localidade e discussão das experiências de vida dos frequentadores dos círculos de cultura, com o levantamento de seu universo vocabular, valendo-se de referências próprias do universo do

---

<sup>3</sup> Em denso e relevante trabalho investigativo, realizado entre 1948 e 1954, no município de Bofete, no Estado de São Paulo, fruto de sua tese de doutorado, realizada em tempos em que a universidade não era refém do mercado ou da mensuração do prestígio acadêmico por meio de número de papers produzidos, Antônio Cândido, um de nossos mais destacados intelectuais, escreveu e publicou, como resultante desta pesquisa, **Os Parceiros do Rio Bonito**, 2.Ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1971, obra clássica por sua relevância acadêmica e cultural.



educando, trabalhando com os círculos de cultura, com o teatro popular e conscientização política no processo de alfabetização.

A equipe de alfabetizadores começava por investigar os meios de vida e a linguagem falada na localidade em que se realizariam os trabalhos de alfabetização. Do conhecimento assim obtido sobre a cultura e o “universo vocabular” da população, extraíam-se as “palavras geradoras”, selecionadas sob um duplo critério de riqueza silábica e de riqueza de “conteúdos existenciais” para os participantes (BEISIEGEL, In: FÁVERO; BRITTO, 2002, p.894).

Os educadores dos Centros, aqui mencionados, ao atentarem para as diferenças culturais e modos de vida das crianças periféricas e seus impactos nas experiências escolares, mostraram que a inteligência das crianças e sua permanência na escola não poderiam ser reduzidas às mensurações de desempenho. Inovaram na metodologia e na forma de fazer e pensar a educação, visando a construção de um país para toda a população, crianças ou adultos, confrontado a visão elitista, classista e excludente que então imperava, alargando o olhar sobre as questões educacionais e colocando a universidade e a pesquisa a serviço desta tarefa, o que lhes valeu a perseguição e repressão pela ditadura civil-militar que se instaurou em 1964.

A subversão vista pelos setores dominantes da sociedade brasileira estava associada especialmente à incorporação, nos processos de alfabetização de adultos, de um debate crítico sobre a realidade brasileira, um debate com os principais interessados sobre o não direito ao voto do analfabeto, sobre a reforma urbana, a reforma agrária, a precariedade do serviço público nos meios urbanos, dentre outras questões (GONÇALVES; ZITKOSKI, 2019, p.362).

Williams em seu trabalho na extensão universitária, efetuou a sua revisão e adequação da forma e formato, abandonou as palestras que considerava que transmitiam conteúdos desconexos da universidade para as comunidades e as substituiu por aulas tutoriais, valorizando o protagonismo dos estudantes e da comunidade. Em seu trabalho realizado como tutor de adultos, durante quinze anos, envolvendo uma parceria entre a Universidade de Oxford e a Workers' Educational Association, WEA (Associação Educacional dos Trabalhadores), o autor se valeu de elementos culturais em suas inovações metodológicas. Utilizou a literatura, o teatro e, sobretudo, o cinema em suas aulas para adultos e também para os universitários, valendo-se da crítica fílmica, discutindo elementos internos e externos do filme e seus contextos sociais e políticos.

Para Williams o olhar sociológico seria um elemento indispensável à crítica fílmica, por permitir a realização de uma leitura interna dos filmes combinada com elementos externos a eles (público, percepção, ambientes, contextos sociais e políticos). E, para o autor, isso não deveria ser algo restrito ao mundo universitário, mas também fundamental como incremento dos processos de aprendizagem nas aulas de adultos (PAIXÃO; TREVISAN, 2020, p.15).





Em suas aulas tutoriais para adultos, Williams utilizava filmes como os de Fellini, Kurosawa, Bergman ou Godard e chegou a se associar a um cineasta britânico para produzir filmes voltados a fins educacionais, mas o projeto não se concretizou, conforme Paixão e Trevisan. Mas o autor inovou na metodologia e forma de trabalhar com os adultos e criou na universidade

a disciplina Estudos Culturais dentro de um projeto e uma formação que remonta à educação de adultos, onde teve início a formulação de uma teoria do cinema e a elaboração de novos métodos de ensino por Williams, algo central na realização de uma educação democrática majoritária, seja de estudantes universitários, seja de estudantes adultos trabalhadores (PAIXÃO; TREVISAN, 2020, p.18).

Para Williams, leitor de Gramsci, não há um dualismo entre experiência e consciência e a cultura não é reflexo da estrutura, o plano simbólico não reflete a base material e sob a inspiração do pensador sardo, Williams se vale do conceito de bloco histórico, e ao utilizar a noção de processos históricos, não concebe a vida cultural como determinada pelas relações produtivas. As relações de produção não a determinam e, sim, a delimitam, condicionam. Estrutura e superestrutura constituem dimensões relacionais e o autor considera a “cultura o lócus da luta política, eis que é infra e superestrutural” (MIGLIEVICH-RIBEIRO: SOARES, In: PAIXÃO, MAZZA, SPIGOLON, 2021, p.571). Williams se vale de categorias complexas, de conceitos multidimensionais.

Preocupando-se com as palavras e os processos comunicativos vinculados à educação e às artes, para Williams a universidade deve ir além da extensão, para construir um novo projeto educacional, emancipador, com os professores universitários atuando extramuros, para realizar o ideal de uma sociedade mais democrática, educada e participativa. O autor concebe a universidade como parte de seu projeto que, por meio de ações extensionistas e dos Estudos Culturais, tanto formais, quanto informais, em associação com os movimentos de trabalhadores, por meio da educação de adultos e da comunicação, exerça o papel de contribuir para a democratização da sociedade, “pois cultura é algo comum, ordinário” e “aprender é uma experiência comum” (WILLIAMS, 2015).

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Cabe dizer que esta pesquisa, em andamento, visa aprofundar os estudos sobre a obra de Williams e seus conceitos mais abrangentes que nos possibilitam ampliar a compreensão dos trabalhos dos educadores brasileiros aqui elencados, que pertenceram aos CRPEs de São Paulo e de Recife, promovendo inovações na teoria e nas práticas ligadas ao campo educacional. Ao contribuir para a institucionalização das pesquisas em sociologia da educação, introduzindo os



conceitos de cultura urbana e rural, linguagem, modo de vida, experiências e pesquisas regionais e de comunidade, convergem para as concepções e práticas de Williams, valendo-se, tal como ele, das artes, literatura, teatro e cinema, como “ferramentas de ensino de caráter democrático e com vistas à socialização e aprendizagem dos trabalhadores” (PAIXÃO, TREVISAN, 2020, p.13). À luz da obra de Williams, pode-se ampliar a compreensão das propostas dos intelectuais brasileiros dos Centros nas reflexões sobre o potencial da pesquisa, da universidade – e da extensão universitária - para o enfrentamento da desigualdade ainda marcante em nosso país e para a edificação de uma sociedade mais democrática, justa, plural e incluyente. A pertinência do conceito de cultura do autor galês, não dissociado da base material de produção da existência que ocorre ao longo da história, amplia o olhar sobre a obra dos educadores em pauta.

## REFERÊNCIAS

ARELARO, L. R. G.; CABRAL, M. R. M. Paulo Freire: por uma teoria e práxis transformadora. In: BOTO, C. (org.). **Clássicos do Pensamento Pedagógico: olhares entrecruzados**. Uberaba: EDUFU, p. 267-292, 2019.

BEISIEGEL, Celso de Rui. In: FÁVERO, M. L.; BRITTO, J. de M. (orgs.) **Dicionário de Educadores no Brasil** – da Colônia aos dias atuais. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-INEP- Comped, 2002, p. 893-899.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Os primeiros tempos da pesquisa em sociologia da educação na USP. **Educ. Pesqui.**, São Paulo. V.39. n.3, p. 589-607, jul./set. 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; FAGUNDES, Maurício César Vitória. Cultura popular e educação popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 89-106, jul./set.2016.

FREITAS, Marcos César de. Desempenho e adaptação da criança pobre à escola: o padrão de pesquisa do CRPE-SP. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 683-698, jul./set. 2014.

GONÇALVES; Luiz Gonzaga; ZITKOSKI, Jaime José. O lugar da pesquisa nos Centros Regionais de Pesquisa Educacional nos anos de 1950 e 1960: revisitando experiências de educação popular a partir do paradigma indiciário. **Rev. Bras. Estud. Pedagóg.**, Brasília, v. 100, n. 255, p. 348-365, maio/ago. 2019.



GOUVÊA, Fernando César F. A trajetória do educador Paulo Freire no Ministério da Educação e Cultura no período de 1958 a 1963. **Pro-Posições**. Vol. 29, N. 2 (87) , maio/ago. 2018.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia; SOARES, Eliane Veras. Luto e esperança: Florestan Fernandes, estrutura de sentimentos e o exílio canadense. In: **Centelhas de Transformações- Paulo Freire e Raymond Williams**. PAIXÃO, Alexandre Henrique; MAZZA, Déboa; SPIGOLON, Nima (orgs.), São José do Rio Preto: HN, 2021.

PAIXÃO, Alexandre Henrique. **Raymond Williams**: história intelectual inglesa, cultura e educação de adultos no pós-guerra. Anais do 41º Encontro Anual da ANPOCS. GT 15, Caxambu, 2017.

PAIXÃO, Alexandre Henrique; TREVISAN, Anderson Ricardo. Raymond Williams, cultura e extensão universitária. **Resgate Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 28, p. 1-23, e020008, 2020.

TAMBERLINI, Angela Rabello Maciel de Barros. Renovação Educacional: a experiência do Ensino Vocacional no contexto dos anos de 1950-1960. **Rev. Iberoam. Patrim. Histórico-Educativo**, Campinas (SP), v.7, p.1-22, e021014, 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança**: cultura, democracia, socialismo. São Paulo: Editora UNESP, 2015.